



» **PIONEIRA** Jaqueline Queiroz, 25, primeira da família a entrar no ensino superior, hoje faz mestrado na **Unicamp**



» **3ª GERAÇÃO** Marcos Barbosa, 19, aluno do programa; seu avô ajudou a construir a **Unicamp** como pedreiro



» **APOIO** Gabriel Brandão Alexandre, que cresceu na periferia de Campinas e ia ao curso no fusquinha do avô

» dias melhores

# Ação leva até piores escolas à universidade

Programa inédito de ação afirmativa da **Unicamp** tem ao menos um aluno de cada colégio público de Campinas

**Antes, metade das escolas não tinha um jovem na instituição; evasão e preparo desigual são desafios**

ANGELA PINHO  
ENVIADA ESPECIAL A CAMPINAS

O pai de Iracy da Rocha Vaz, 52, ajudou a construir a **Unicamp** (Universidade Estadual de Campinas). “Quando a gente passava na frente, ele dizia: ‘Está vendo esses tijolos? Eu que coloquei’.”

O pai era pedreiro. Iracy, que cursou até a 7ª série, não sabia nem o que era **Unicamp**. Achava que era um hospital. Hoje, seu filho não só estuda na universidade como está prestes a entrar no curso mais concorrido, o de medicina.

Marcos Vaz Barbosa, 19, o filho, é um dos alunos do Profis (Programa de Formação Interdisciplinar Superior), iniciativa de ação afirmativa inédita no país.

Criado em 2011, o programa já tem estudantes até na pós-graduação da universidade. Desde o início, recebeu jovens tanto das melhores escolas públicas de Campinas — como aquela em que Marcos

estudou— como das piores.

Uma vez selecionados, os jovens passam dois anos na **Unicamp** em um curso de formação geral de horário integral, com matérias de áreas diversas, com física, geometria analítica e literatura, e podem fazer iniciação científica. Recebem auxílio financeiro e, ao fim do período, têm lugar garantido em uma graduação da universidade, sem vestibular — todos os cursos criaram vagas adicionais para receber egressos do Profis.

Os resultados do programa, que a **Unicamp** propõe ampliar (leia na pág. B3), abrem espaço para discussões sobre caminhos e dilemas do ensino superior: das desigualdades de acesso às possibilidades de novos currículos.

## SELEÇÃO

Uma das principais inovações do Profis é a seleção. O programa oferece vagas para o melhor aluno de cada escola pública de Campinas, pela nota no Enem, em um total de 120 vagas. Se houver vagas em aberto, os colégios podem mandar dois estudantes.

A fórmula foi desenvolvida após uma radiografia no perfil dos ingressantes na **Unicamp** em 2008 e 2009. Descobriu-se que mais da metade das escolas públicas da cidade não havia matriculado nenhum aluno lá: 20%, só um.

Outra simulação mostrou que, se o critério fosse só a nota do Enem, metade dos alunos do programa viria de quatro escolas públicas.

O resultado do desenho implantado, conta o professor Flávio César de Sá, foi visível no primeiro dia do programa. Nos cinco anos anteriores, o curso de medicina da **Unicamp**, do qual ele também é professor, havia recebido só dois alunos autodeclarados pretos, de um total de 550. Os pardos somavam 34 (6%). Quando entrou na sala do Profis, Sá viu a diferença.

“Mais da metade dos estudantes não era branca”, lembra. “Como a segregação tem caráter geográfico, ao se distribuir as vagas por todas as escolas, chega-se a uma composição mais próxima da realidade”, explica Ana Maria Carneiro da Silva. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, ela acompanha os alunos do Profis desde o início. Os resultados mostram conquistas e dificuldades.

Na primeira parte da lista, está o fato de o curso atrair pessoas que dificilmente iriam à **Unicamp** e talvez nem se inscreveriam. Mostra disso é que quase todos os alunos do Profis cursaram o ensino fundamental na rede pública, realidade de só um terço dos estudantes da universidade.

Outro ponto elencado como positivo é a possibilidade de o jovem escolher com mais consciência a sua graduação, uma vez que, ao longo de dois anos, já teve contato com diferentes áreas.

Não por acaso, o reitor **Marcelo Knobel**, idealizador do Profis, quer um debate sobre o currículo de todos os cursos da **Unicamp**, com formação mais ampla e interdisciplinar, como já ocorre no programa.

Por outro lado, o Profis também tem desafios. Da turma de 2014, 60% concluíram o curso e hoje estão em uma graduação da **Unicamp**. Mas 35% abandonaram tanto o programa como a universidade.

Segundo Ana Maria, parte deles foi estudar em outras instituições. Ainda assim, 50% dos evadidos entrevistados em 2014 citaram como motivo “dificuldade em acompanhar o programa”.

A explicação dá a medida do desafio da inclusão nas universidades: no Profis, entre o melhor aluno de uma escola e o melhor de outra, chega a existir uma diferença de mais de 200 pontos no Enem.

Um estudo mostra que há alunos com notas iniciais ruins que depois ficam acima da média. Em regra, porém, os que concluem o curso em melhor posição são os que chegam melhor preparados.

O motivo é a desigualdade entre as escolas públicas, diz Maurício Êrnica, professor da Faculdade de Educação da **Unicamp**. Pesquisa recente da Fundação Lemann, por exemplo, mostra que colégios com estudantes mais pobres têm mais rotatividade de professores e diretores menos experientes. Nesse cenário, diz Êrnica, “bons alunos são pessoas improváveis”.

Outro problema é que mesmo os melhores não escapam do ensino básico falho. “A universidade é o lugar em que bons alunos se veem pela primeira vez como maus alunos”.

Formada pela primeira turma do Profis, Raryane Valéria da Silva conta que chegou a ficar na escola mais de mês só com professor substituto de matemática. Jaqueline Queiroz diz que as faltas de professores eram muito comuns, principalmente em exatas. “No começo [do Pro-

fis] foi muito difícil”, lembra. **DEDICAÇÃO** Depois, ela não só se acostumou como hoje está no mestrado. A garra e a dedicação dos estudantes os tornam mais preparados, dizem professores. “São jovens muito focados, que estão mudando a cara da **Unicamp**”, diz Mariana Nery, docente da biologia.

Um de seus alunos é Marcos Vaz Barbosa, o filho da dona de casa Iracy. Para ir à **Unicamp**, ele acordava às 5h30 da manhã, pega uma hora de ônibus e faz as três refeições na universidade. Além das aulas do Profis, faz ali natacão, coral e curso de ópera.

Quando chega em casa, à noite, é hora de estudar. Tem vezes que vai até as 2h. “Mal sai do quarto, nem no fim de semana. Tenho amigo que de repente vê ele na sala e pergunta: quem é?”, diz a mãe.

Tanto esforço deve ser recompensado. Marcos está em primeiro lugar no programa, perto da vaga na medicina, e tem sobrinhos e primos interessados em seguir os estudos. “Na minha família, o Profis quebra uma história e gera um efeito dominó”, afirma.

» LEIA MAIS na pág. B3